

Prevalência do tabagismo entre estudantes de Medicina e fatores de risco associados

Prevalence of tobacco smoking among medical students and associated risk factors

SINOPSE

Introdução: Os danos do tabagismo sobre a saúde humana já são amplamente conhecidos, mas, apesar disso, ainda se observa a presença desse hábito entre os estudantes de Medicina, ainda que em menor quantidade do que na população geral. A identificação dos grupos de maior risco pode ser importante para a adoção de medidas preventivas com o objetivo de reduzir esse vício.

Objetivo: Determinar a prevalência do tabagismo entre acadêmicos de Medicina da ULBRA, identificando fatores de risco relacionados ao desenvolvimento desse hábito.

Métodos: Foram respondidos questionários auto-aplicáveis por 300 alunos, do 2º ao 9º semestres do curso de Medicina da ULBRA, com perguntas sobre o hábito tabágico e diversos fatores de risco relacionados, avaliando-se, através de regressão logística com cálculo do *odds ratio* (OR) e intervalo de confiança de 95% (IC95%), a correlação entre essas variáveis.

Resultados: A prevalência de tabagismo foi de 18,6%, sem diferença entre os sexos. Os fatores de risco significativamente associados com o tabagismo foram: morar sozinho (OR: 2,01 – IC95%: 1,06-3,80), procedência do interior do Rio Grande do Sul ou outro Estado brasileiro (OR: 2,46 – IC95%: 1,24-4,90), mau desempenho acadêmico (OR: 2,33 – IC95%: 1,23-4,44), reprovação em disciplinas do curso (OR: 2,22 – IC95%: 1,22-4,04), mais de 6 vestibulares (OR: 3,50 – IC95%: 1,75-7,03), uso de álcool (OR: 2,76 – IC95%: 1,41-5,39) e o uso frequente (+ 2 vezes/semana) de álcool (OR: 3,14 – IC95%: 1,70-5,83). Foram fatores protetores para o desenvolvimento do tabagismo os seguintes: morar com os pais (OR: 0,23 – IC95%: 0,10-0,57), prática de esportes (OR: 0,51 – IC95%: 0,28-0,91) e a prática regular (3 ou + vezes/semana) de esportes (OR: 0,46 – IC95%: 0,21-0,98).

Conclusões: A prevalência do tabagismo ainda é elevada entre os acadêmicos de Medicina em nosso meio. É fundamental o emprego de estratégias preventivas efetivas entre os grupos de maior risco, a fim de tentar reduzir o número de fumantes entre os futuros médicos.

UNITERMOS: Tabagismo, Estudantes de Medicina, Fatores de Risco.

ABSTRACT

Introduction: The damages of tobacco smoking over human health are widely known, but, despite this, we still observing the presence of this habit among medical students, although in lesser amount than in general population. The identification of the greater risk groups could be important to taking preventives measures with the objective of to reduce this vicious.

Objective: Determine the prevalence of tobacco smoking between medical students of ULBRA, identifying risk factors related to development of this habit.

Methods: Were answered auto-applicable questionnaires by 300 students, from 2nd to 9th semester of Medical Scholl of ULBRA, with questions about smoking habit and diverse related risk factors, evaluating, by logistic regression with odds ratio (OR) and 95% confidence interval (CI95%) calculation, the correlation between these variables.

Results: The prevalence of tobacco smoking was 18,6%, with no differences between gender. The risk factors significantly associated with tobacco smoking were: living alone (OR: 2,01 – CI95%: 1,06-3,80), origin from interior of Rio Grande do Sul or from another brazilian state (OR: 2,46 – IC95%: 1,24-4,90), bad school performance (OR: 2,33 – IC95%: 1,23-4,44), disapprobation in medical school disciplines (OR: 2,22 – IC95%: 1,22-4,04), more than 6 vestibular contests (OR: 3,50 – IC95%: 1,75-7,03), use of alcohol (OR: 2,76 – IC95%: 1,41-5,39) and frequent use (more than 2 times/week) of alcohol (OR: 3,14 – IC95%: 1,70-5,83). Were protector factors for tobacco smoking the followings: live with parents (OR: 0,23 – IC95%: 0,10-0,57), sports practice (OR: 0,51 – IC95%: 0,28-0,91) and regular (3 or more times/week) sport practice (OR: 0,46 – IC95%: 0,21-0,98).

Conclusions: The prevalence of tobacco smoking still high among medical students in our school. It's very important the use of effectives preventives strategies in the higher risk groups, with the objective of try to reduce the number of smokers among the future doctors.

KEY WORDS: Tobacco Smoking, Medical Students, Risk Factors.

EDUARDO WALKER ZETTLER – Professor Adjunto do Curso de Medicina da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Doutor em Pneumologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

LISIA MARTINS NUDELMANN – Acadêmica do Curso de Medicina da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA).

DANIEL PIETKO DA CUNHA – Acadêmico do Curso de Medicina da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA).

CLÁUDIA HILGERT – Acadêmica do Curso de Medicina da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA).

MELISSADIAS MATTOS – Acadêmica do Curso de Medicina da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA).

MARGIT SCHOLL – Acadêmica do Curso de Medicina da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA).

FERNANDA VILLA VERDE – Acadêmica do Curso de Medicina da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA).

THAIS LUNARDI NADER – Acadêmica do Curso de Medicina da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA).

Curso de Medicina da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), Canoas – RS.

✉ Endereço para correspondência:

Dr. Eduardo Walker Zettler

Av. Ipiranga, nº 6690 – conjunto 501

90610-000 – Porto Alegre, RS – Brasil

✉ ewzettler@terra.com.br

INTRODUÇÃO

Apesar de serem conhecedores dos efeitos nocivos do fumo sobre o organismo humano, uma parcela significativa dos acadêmicos de Medicina ainda cultiva esse hábito, mesmo que em menores proporções do que na população geral (1, 2). A prevalência de fumantes entre os estudantes de Medicina varia muito de acordo com o país de origem, podendo atingir níveis tão elevados quanto 56,9%, no sexo masculino, na Turquia, e 44,7%, no sexo feminino, na Espanha (3).

Dados brasileiros demonstram uma tendência de redução na prevalência do tabagismo entre os estudantes de Medicina nos últimos anos, como demonstrado em estudos realizados em Sorocaba – SP, onde esta alcançou 17,1% em 1989 (4), e em Pelotas – RS, onde atingiu 11% em 1996 (5).

Apesar de demonstrarem uma aparente redução nos últimos anos, esses índices ainda são considerados elevados, tendo em vista o papel dos estudantes de Medicina na sociedade, onde, como futuros médicos, deveriam servir como exemplo e atuar efetivamente na prevenção de doenças e promoção da saúde.

Assim, este estudo tem o objetivo de determinar a prevalência do tabagismo entre os acadêmicos de Medicina da ULBRA e identificar grupos de maior risco para o desenvolvimento desse vício, o que pode ser importante na elaboração de estratégias de prevenção capazes de reduzir o número de fumantes e tentar atrair esses estudantes para a luta antitabágica.

MATERIAL E MÉTODOS

– POPULAÇÃO: Alunos do 2º ao 9º semestres do Curso de Medicina da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), localizada em Canoas – RS.

– METODOLOGIA: Foram utilizados questionários auto-aplicáveis com perguntas sobre variáveis biológicas (sexo, idade), demográficas (procedência, residência atual, com quem reside), semestre cursado e estado conjugal dos pais. Em relação ao hábito tabágico, foi questionado sobre tabagismo atual ou passado, idade de início, quantidade de cigarros, frequência do hábito, tabagismo entre os pais, familiares e colegas/amigos. Também foram formuladas questões sobre o desempenho acadêmico do estudante (auto-avaliado como ótimo, bom, regular, ruim ou péssimo), reprovações em disciplinas no curso de Medicina e número de vestibulares prestados para Medicina até a aprovação. Investigou-se também o uso concomitante de álcool e sua frequência, o hábito da prática esportiva, a utilização de dietas para emagrecer, a presença de diagnóstico atual ou prévio de ansiedade e/ou depressão e o uso atual ou prévio de medicações ansiolíticas e/ou antidepressivas pelos estudantes.

Foram considerados fumantes aqueles estudantes que responderam

que fumavam diariamente, independentemente do número de cigarros; ex-fumantes foram aqueles que no momento da entrevista não fumavam regularmente, mas haviam fumado no passado. Estudantes que relatavam fumar apenas nos finais-de-semana ou à noite, em festas, não foram considerados fumantes para a análise dos dados.

Os estudantes que avaliaram seu desempenho escolar no curso de Medicina como regular, ruim ou péssimo foram agrupados para a análise estatística em uma única categoria denominada “mau desempenho acadêmico”. Aqueles que prestaram mais de 6 vestibulares para Medicina até a aprovação também foram agrupados para o estudo estatístico. Os alunos que ingeriam álcool mais de 2 vezes por semana foram considerados usuários frequentes e analisados separadamente, assim com os praticantes de esportes mais de 3 vezes por semana, que foram classificados praticantes regulares e também avaliados isoladamente.

– DELINEAMENTO: Estudo de caso-controle, comparando fumantes (casos) com não-fumantes (controles) em relação aos fatores de risco para desenvolvimento do hábito do tabagismo.

– ANÁLISE ESTATÍSTICA: Regressão logística, calculando-se o *odds ratio* (OR) e intervalo de confiança 95% (IC95%), considerando-se significativo um $p < 0,05$, utilizando-se para os cálculos o *software* Epi Info 3.2.2.

RESULTADOS

Os questionários foram respondidos por 300 estudantes, sendo 165 (55%) do sexo feminino e 135 (45%) do sexo masculino. Destes, 56 (18,7%) se declararam fumantes e 244 (81,3%) não-fumantes. Dentre os não-fumantes no momento da entrevista, 22 alunos relataram terem sido fumantes regulares no passado, sendo classificados como ex-fumantes, o que correspondeu a 7,3% do total da amostra, conforme descrito na Tabela 1.

As características da amostra e a distribuição das variáveis analisadas entre o grupo em estudo (fumantes) e

Tabela 1 – Distribuição dos estudantes de medicina conforme o hábito tabágico

Hábito tabágico	n (%)
Não-fumantes	222 (74,1)
Fumantes	56 (18,6)
Ex-fumantes	22 (7,3)
Total	300 (100)

o grupo-controle (não-fumantes) estão descritas na Tabela 2.

Conforme esses resultados, as seguintes variáveis foram consideradas fatores de risco para o desenvolvimento do hábito do tabagismo: procedência do interior do Rio Grande do Sul ou de outro Estado brasileiro, morar sozinho, mau desempenho acadêmico, reprovação em disciplinas do curso de Medicina, realização de mais de 6 vestibulares para Medicina até a aprovação e uso eventual e freqüente de álcool. Por outro lado, as variáveis a seguir foram consideradas fatores protetores: morar com os pais e praticar esportes eventual ou regularmente. As demais variáveis não apresentaram significância estatística como fator de risco ou protetor.

DISCUSSÃO

A prevalência de tabagismo encontrada entre os estudantes de Medicina da ULBRA (18,6%) é menor do que a da população geral brasileira, onde um terço dos adultos fumam e, especialmente, a da região Sul do Brasil, onde se encontram os maiores índices de fumantes, atingindo 42%, conforme dados do Ministério da Saúde (6).

Em comparação com outras Universidades brasileiras, a prevalência de tabagismo entre os estudantes da ULBRA foi superior, mas poucos dados são disponíveis. Estudos transversais realizados em Pelotas – RS têm demonstrado uma tendência de queda progressiva da prevalência de fumantes entre os acadêmicos dessa cidade, que diminuiu, de 21%, em 1986, para 14%, em 1991, e atingiu 11% em 1996 (5). Em Sorocaba – SP, a prevalência de tabagismo entre estudantes de Me-

Tabela 2 – Características da amostra e análise das variáveis relacionadas ao hábito do tabagismo no grupo em estudo e no grupo-controle

Variável analisada	Fumantes (n = 56)	Não-fumantes (n = 244)	Odds ratio (IC95%)
Sexo masculino	25 (44,6%)	110 (45,1%)	0,98 (0,55 – 1,76)
Sexo feminino	31 (55,3%)	134 (54,9%)	1,02 (0,57 – 1,83)
Procedência interior RS/outro Estado	44 (78,5%)	146 (59,8%)	2,46 (1,24 – 4,90) *
Morar sozinho	23 (50%)	81 (33,1%)	2,01 (1,06 – 3,80) *
Morar com os pais	6 (10,7%)	83 (34,0%)	0,23 (0,10 – 0,57) *
Pais separados	8 (14,3%)	37 (15,1%)	0,93 (0,37 – 2,25)
Mau desempenho acadêmico	19 (33,9%)	44 (18,0%)	2,33 (1,23 – 4,44) *
Reprovação em disciplinas do curso	25 (44,6%)	65 (26,6%)	2,22 (1,22 – 4,04) *
Mais de 6 vestibulares para Medicina	17 (30,3%)	27 (11,1%)	3,50 (1,75 – 7,03) *
Uso de álcool	43 (76,7%)	133 (54,5%)	2,76 (1,41 – 5,39) *
Uso freqüente de álcool	24 (42,8%)	47 (19,2%)	3,14 (1,70 – 5,83) *
Prática de esportes	26 (46,5%)	154 (73,2%)	0,51 (0,28 – 0,91) *
Prática regular de esportes	9 (16%)	72 (29,5%)	0,46 (0,21 – 0,98) *
Dieta para emagrecer	8 (14,2%)	57 (23,3%)	0,55 (0,22 – 1,29)
Ansiedade e/ou depressão	26 (46,4%)	113 (46,3%)	1,00 (0,54 – 1,87)
Uso de antidepressivo e/ou ansiolítico	10 (17,8%)	29 (11,8%)	1,61 (0,68 – 3,75)

* p < 0,05

dicina também diminuiu, de 37,8%, em 1969, para 17,1%, em 1989 (6).

Em alguns países, como os Estados Unidos, também se observa uma menor prevalência de tabagistas entre os acadêmicos de Medicina em relação à população geral, inclusive quando comparados com estudantes de outros cursos da área da saúde, como no estudo de Patkar e colaboradores, que demonstrou uma prevalência de 9,8% entre os estudantes de Medicina e de 17,8% entre os de enfermagem (7). Entretanto, em outros países, como a China, essa diferença não é observada, como no levantamento de Zhu e colaboradores, que encontraram diferenças não-significativas de estudantes fumantes nos cursos de Medicina e nos cursos não-médicos, tanto no sexo masculino (40,7% × 45,1%) como no feminino (4,4% × 6,0%)⁽⁸⁾. Em um trabalho realizado na Colômbia, Rosselli e colaboradores constataram prevalências semelhantes de tabagistas entre acadêmicos de Medicina (25,9%) e a população geral (9).

Esta grande variação geográfica ficou bem documentada em um estudo multicêntrico que avaliou 9.000 estudantes de Medicina de 51 escolas, oriundos de 42 países. Em alguns dos países estudados, a prevalência foi extremamente elevada, como na Turquia (56,9% no sexo masculino), no Japão

(45-49% também entre os homens) e na Espanha, onde o sexo feminino atingiu seus maiores índices (44,7%). Em contraste, em outros países essa prevalência foi muito baixa, como nos Estados Unidos (0 a 2%) e em países muçulmanos, como a Arábia Saudita e Marrocos, onde ficou em 0% entre as mulheres (3).

Em relação aos fatores de risco para a aquisição do hábito do tabagismo, o estudo de Akvardar e colaboradores também demonstrou uma associação direta entre o uso de álcool e o tabagismo entre médicos e estudantes de medicina da Turquia (10). Essa associação já é bem conhecida na população geral, como mostrou o trabalho de Riala e colaboradores, que colocou o tabagismo na adolescência como o principal fator preditor do posterior desenvolvimento de alcoolismo na idade adulta (11).

A relação entre o tabagismo e a presença de ansiedade ou depressão não foi significativa em nosso estudo, assim como no estudo de Akvardar e colaboradores, que também não demonstraram associação entre o consumo de álcool e tabaco e esses distúrbios psiquiátricos (10). Entretanto, um trabalho realizado entre médicos residentes argentinos encontrou, assim como no nosso estudo, uma correlação positiva entre morar sozinho e tabagismo (12),

o que poderia levantar a possibilidade de a solidão atuar como potencial fator de risco. Como o diagnóstico de ansiedade e/ou depressão em nosso estudo foi baseado no relato espontâneo do estudante, sem a realização de questionário psiquiátrico específico, é possível que essas patologias tenham sido sub-diagnosticadas.

Em nosso estudo observou-se uma correlação significativa entre o mau desempenho escolar, mensurado de três formas diferentes (auto-avaliação, história de reprovações no vestibular e em disciplinas do curso) e o tabagismo. Achado semelhante foi relatado por Yorulmaz e colaboradores, que descreveu o sucesso escolar como importante fator de proteção para a aquisição de hábito tabágico entre adolescentes (13).

A prática desportiva em nosso estudo foi considerada um fator protetor significativo contra o tabagismo, especialmente quando realizada de maneira regular. Achado semelhante foi relatado por Bergamaschi e colaboradores, que encontraram uma prevalência significativamente maior de fumantes entre os estudantes que não praticam esportes (40,1%) em relação aos que praticam (33,5%) (14). Outro estudo, de Donato e colaboradores, demonstrou uma relação inversa entre a frequência da atividade esportiva e o ta-

bagismo (15). Nerin e colaboradores, em um levantamento realizado entre universitários espanhóis, sugeriram que a prática de exercício físico durante a adolescência pode ajudar a prevenir a aquisição do hábito do tabagismo (16).

Assim, neste estudo pretendemos chamar a atenção para a necessidade de adoção de medidas preventivas entre os acadêmicos de Medicina com o objetivo de tentar reduzir os índices de tabagistas nessa população, concentrando essas ações naqueles grupos considerados de maior risco. O incentivo à prática desportiva, o estímulo ao hábito do estudo e ao desenvolvimento intelectual e o combate simultâneo ao alcoolismo, desde a adolescência, podem ser iniciativas capazes de reverter o quadro atual e atrair todos os estudantes para a batalha contra o fumo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MAS A, NERIN I, BARRUECO M, CORDERO J, GUILLÉN D, JIMÉNEZ-RUIZ C, et al. Smoking habits among sixth-year medical students in Spain. *Arch Bronconeumol* 2004; 40: 403-408.
- BRITTON J. Tobacco: the epidemic we could avoid. *Thorax* 1997; 52: 1021-1022.
- RICHMOND R. Teaching medical students about tobacco. *Thorax* 1999; 54: 70-78.
- ROSEMBERG J, PERIN S. Tabagismo entre estudantes da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba. Tabagismo nos acadêmicos de medicina e nos médicos. *J Pneumol* 1990; 16: 13-22.
- MENEZES A, PALMA E, HOLTHAUSER R, OLIVEIRA R, OLIVEIRA PS, DEVENS E, et al. Evolução temporal do tabagismo em estudantes de medicina, 1986, 1991, 1996. *Rev Saúde Pública* 2001; 35: 165-169.
- Ministério da Saúde. Instituto Nacional do Câncer. Tabagismo no Brasil. Disponível na URL: <http://www.inca.gov.br/tabagismo>
- PATKAR AA, HILL K, BATRA V, VERGARE MJ, LEONE FT. A comparison of smoking habits among medical and nursing students. *Chest* 2003; 124: 1415-1420.
- ZHU T, FENG B, WONG S, CHOI W, ZHU SH. A comparison of smoking behaviors among medical and other college students in China. *Health Promot Int* 2004; 19: 189-196.
- ROSSELLI D, REY O, CALDERON C, RODRIGUEZ MN. Smoking in Colombian medical schools: the hidden curriculum. *Prev Med* 2001; 33: 170-174.
- AKVARDAR Y, DEMIRAL Y, ERGOR G, ERGOR A. Substance use among medical students and physicians in a medical school in Turkey. *Soc Psychiatry Psychiatr Epidemiol* 2004; 39: 502-506.
- RIALA K, HAKKO H, ISOHANNI M, JARVELIN MR, RASANEN P. Teenage smoking and substance use as predictors of severe alcohol problems in late adolescence and in young adulthood. *J Adolesc Health* 2004; 35: 245-254.
- FERRERO F, CASTANOS C, DURAN P, BLENGINI MT. Prevalence of tobacco use among pediatric residents in Argentina. *Rev Panam Salud Publica* 2004; 15: 395-399.
- YORULMAZ F, AKTURK Z, DAGDEVIREN N, DALKILIC A. Smoking among adolescents: relation to school success, socioeconomic status nutrition and self-esteem. *Swiss Med Wkly* 2002; 132: 449-454.
- BERGAMASCHI A, MORRI M, RESI D, ZANETTI F, STAMPI S. Tobacco consumption and sports participation: a survey among university students in northern Italy. *Ann Ig* 2002; 14: 435-442.
- DONATO F, ASSANELLI D, CHIESA R, POETA ML, TOMASONI V, TURLA C. Cigarette smoking and sports participation in adolescents: a cross-sectional survey among high school students in Italy. *Subst Use Misuse* 1997; 32: 1555-1572.
- NERIN I, CRUCELAEGUI A, NOVELLA P, RAMON Y CAJAL P, SOBRADEL N, et al. A survey on the relationship between tobacco use and physical exercise among university students. *Arch Bronconeumol* 2004; 40: 5-9.